

V. S. NAIPAUL

# Miguel Street

*Tradução*

Rubens Figueiredo



Copyright © 1959 by V. S. Naipaul  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Miguel Street

*Capa*  
Sabine Dowek

*Preparação*  
Isabel Junqueira

*Revisão*  
Luciane Helena Comide  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Naipaul, V. S.  
Miguel Street / V. S. Naipaul ; tradução Rubens  
Figueiredo — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Miguel Street  
ISBN 978-85-359-2032-1

---

1. Ficção inglesa I. Título.  
11-14511 CDD-823  
Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2012]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompahia.com.br

# Sumário

1. Bogart, 11
2. A coisa sem nome, 19
3. George e a casa cor-de-rosa, 28
4. A vocação que ele escolheu, 38
5. Homem-homem, 47
6. B. Wordsworth, 57
7. O covarde, 67
8. O pirotécnico, 80
9. Titus Hoyt, bacharel em artes, 93
10. O instinto maternal, 107
11. A carrocinha azul, 118
12. Amor, amor, amor, sozinho, 130
13. O gênio da mecânica, 147
14. Cautela, 165
15. Até os soldados chegarem, 179
16. Hat, 198
17. Como fui embora da Miguel Street, 213

# 1. Bogart

Toda manhã, quando acordava, Hat sentava na balaustrada de sua varanda dos fundos e gritava para o outro lado: “Como vão as coisas por aí, Bogart?”.

Bogart se virava na cama e resmungava baixinho, de modo que ninguém ouvisse: “Como vão as coisas por aí, Hat?”.

Era uma espécie de mistério o motivo por que o chamavam de Bogart; mas desconfio que foi Hat quem lhe deu aquele nome. Não sei se vocês lembram em que ano foi feito o filme *Casablanca*. Foi o ano em que a fama de Bogart se espalhou como fogo em Port of Spain e centenas de rapazes começaram a adotar o jeito durão bogartiano.

Antes de passarem a chamá-lo de Bogart, ele era chamado de Paciência, porque jogava paciência desde a manhã até a noite. Apesar disso não gostava de jogar cartas.

Toda vez que alguém entrava no quartinho de Bogart, depara-se com ele sentado na cama, com as cartas dispostas em sete fileiras sobre uma mesinha na sua frente.

“Como vão as coisas por aí, cara?”, perguntava ele em voz

baixa, e depois ficava dez ou quinze minutos sem falar nada. E, de certa maneira, a gente ficava com a sensação de que não podia de fato falar com Bogart, de tão superior e entediado que era seu aspecto. Seus olhos eram miúdos e sonolentos. Seu rosto era gordo e o cabelo preto e reluzente. Tinha os braços roliços. Toda-  
via não era um homem engraçado. Fazia tudo com uma langui-  
dez cativante. Até no gesto de lamber o polegar para puxar as  
cartas do baralho havia graça.

Era o homem mais entediado que conheci na vida.

Fingia que ganhava a vida como alfaiate e me pagou uma  
certa soma de dinheiro para fazer uma tabuleta para ele:

ALFAIADE E COSTUREIRO  
Ternos sob Medida  
Preços Populares e Competitivos

Comprou uma máquina de costura e uns pedaços de giz azul, branco e marrom. Porém jamais consegui imaginar Bogart competindo com quem quer que fosse; e não consigo me lembrar dele fazendo um terno. Bogart era mais ou menos como Popo, o carpinteiro meu vizinho, que jamais fez um móvel sequer e vivia aplainando, cinzelando pedaços de pau e fazendo o que acho que ele chamava de entalhes. Toda vez que eu lhe perguntava: “Senhor Popo, o que está fazendo?”, ele respondia: “Ah, rapaz! É uma boa pergunta. Estou fazendo a coisa sem nome”. Bogart nunca fazia sequer algo assim.

Quando eu era criança, nunca parei para pensar como Bogart ganhava dinheiro. Supunha que ter dinheiro era algo natural e próprio à condição de adulto. Popo tinha uma esposa que trabalhava em diversos empregos, e acabou se tornando amiga de muitos homens. Eu jamais consegui imaginar Bogart como alguém que tivesse pai e mãe; e ele nunca trazia mulher nenhuma

para seu quartinho. Aquele quartinho era chamado de quarto de empregada, mas nenhuma empregada das pessoas da casa principal tinha morado ali. Era apenas uma convenção arquitetônica.

Continua a ser uma espécie de milagre para mim o fato de Bogart ter conseguido fazer amigos. No entanto ele fazia mesmo muitos amigos; em certa época, foi de longe o homem mais popular de toda a rua. Eu o via de cócoras na calçada junto com todos os homens adultos da rua. E quando Hat, Edward ou Eddoes estava falando, Bogart ficava apenas olhando para baixo e desenhando argolas com os dedos sobre a calçada. Ele nunca ria alto. Jamais contava uma história. No entanto sempre que havia uma festa ou alguma coisa do tipo, todo mundo dizia: “A gente tem de chamar o Bogart. É sabido feito o diabo, aquele homem”. De algum modo, ele lhes trazia consolo e conforto, suponho.

E assim, todo dia de manhã, como eu disse para vocês, Hat gritava bem alto: “Como vão as coisas por aí, Bogart?”.

E esperava o vago resmungo que era Bogart dizendo: “Como vão as coisas por aí, Hat?”.

Porém, certa manhã, quando Hat gritou, não veio resposta. Algo que parecia inalterável interrompera-se.

Bogart havia sumido; ele havia nos deixado sem dizer nenhuma palavra.

Os homens na rua ficaram calados e tristonhos durante dois dias inteiros. Reuniram-se no quartinho de Bogart. Hat pegou o baralho que estava sobre a mesa de Bogart e baixou duas ou três cartas de cada vez, com ar pensativo.

Perguntou: “Vocês acham que ele foi para a Venezuela?”.

Mas ninguém sabia. Bogart falava muito pouco com eles.

E na manhã seguinte Hat se levantou da cama, acendeu um cigarro, foi para sua varanda dos fundos e estava já à beira de gritar, quando se lembrou. Ordenhou as vacas mais cedo do que de costume e as vacas não gostaram.

Passou um mês; depois outro mês. Bogart não voltou.

Hat e seus amigos passaram a usar o quarto de Bogart como se fosse um clube. Jogavam *wappee*, bebiam rum e fumavam, e às vezes traziam alguma mulher vadia para o quarto. Hat andava enrolado com a polícia por causa de jogo e brigas de galo, e teve de gastar muito dinheiro em propinas para conseguir se livrar dos apuros.

Era como se Bogart jamais tivesse morado em Miguel Street. E no fim das contas Bogart tinha morado na rua só quatro anos, mais ou menos. Tinha chegado um dia com apenas uma mala, estava à procura de um quarto, e falou com Hat, que estava de cócoras do lado de fora, junto ao portão, fumando um cigarro e lendo as notícias do críquete no jornal vespertino. Mesmo naquela ocasião, Bogart não falou muito. Tudo o que disse — era a história que Hat contava — foi: “Você sabe de algum quarto?”. E Hat levou-o para o pátio vizinho, onde havia aquele quarto de empregada mobiliado, ao preço de oito dólares por mês. Bogart se instalou ali sem demora, arranjou logo um baralho e começou a jogar paciência.

Aquilo impressionou Hat.

De resto, continuou sempre a ser um homem misterioso. Tornou-se o Paciência.

Quando Hat e todo mundo já havia esquecido ou quase esquecido Bogart, ele voltou. Um dia de manhã apareceu pouco antes das sete horas e encontrou Eddoes e uma mulher deitados em sua cama. A mulher se levantou de um salto e deu um grito. Eddoes pulou da cama, menos assustado do que constrangido.

Bogart falou: “Vão para outro lugar. Estou cansado e quero dormir”.

Dormiu até as cinco horas daquela tarde e, quando acordou, deparou com seu quarto repleto, com toda a velha turma. Eddoes falava alto e se mostrava muito expansivo a fim de encobrir seu constrangimento. Hat tinha trazido uma garrafa de rum.

Hat falou: “Como vão as coisas por aí, Bogart?”.

E exultou quando viu sua deixa respondida: “Como vão as coisas por aí, Hat?”.

Hat abriu a garrafa de rum e gritou para Boyee ir comprar uma garrafa de água com gás.

Bogart perguntou: “Como vão as vacas, Hat?”.

“Vão bem.”

“E o Boyee?”

“Também vai bem. Você não me ouviu chamá-lo há pouco?”

“E o Errol?”

“Também vai bem. Mas o que é que está acontecendo, Bogart? Você está bem?”

Bogart fez que sim com a cabeça e bebeu uma boa dose de rum Madrassi. Depois mais uma dose, e outra; e num instante esvaziaram a garrafa.

“Não se preocupem”, disse Bogart. “Vou comprar outra.”

Eles nunca tinham visto Bogart beber tanto; nunca tinham ouvido Bogart falar tanto; e ficaram assustados. Ninguém se atrevia a perguntar para Bogart por onde ele tinha andado.

Bogart disse: “Quer dizer que vocês andaram esquentando meu quartinho o tempo todo, não foi?”.

“Sem você, não é a mesma coisa”, respondeu Hat.

Mas todos estavam preocupados. Bogart mal abria os lábios quando falava. Tinha a boca um pouco torta e seu sotaque estava ficando ligeiramente americano.

“Claro, claro”, disse Bogart, e ele tinha entendido muito bem. Soava exatamente como um ator.

Hat não tinha certeza de que Bogart estava mesmo embriagado.

Na aparência, é preciso dizer, Hat lembrava Rex Harrison, e Hat se empenhava em reforçar a semelhança. Penteava o cabelo para trás, esfregava os olhos e falava de um jeito muito parecido com o de Harrison.

“Puxa vida, Bogart”, disse Hat, e ficou mesmo muito parecido com Rex Harrison. “Você bem que podia contar tudo para a gente de uma vez.”

Bogart pôs os dentes à mostra e riu de um jeito cínico e tortuoso.

“Claro, vou contar sim”, disse ele, levantou-se e enfiou os polegares por dentro da cintura da calça. “É claro que vou contar tudo.”

Acendeu um cigarro, recostou-se para trás de tal modo que a fumaça entrou em seus olhos; e, com as pálpebras contraídas, desenrolou sua história.

Tinha arranjado emprego num navio e foi para a Guiana Inglesa. Lá, desertou e foi para o interior do país. Virou vaqueiro no Rapununi, contrabandeou mercadorias (não disse o quê) para o Brasil, juntou umas garotas brasileiras e levou para Georgetown. Virou o dono do melhor bordel da cidade, quando a polícia, traíçoeiramente, pegou suas propinas e o prendeu.

“Era um estabelecimento de primeira classe”, disse ele, “nada de clientes vagabundos. Juízes, médicos, funcionários públicos de alto escalão.”

“O que aconteceu?”, perguntou Eddoes. “Foi para a prisão?”

“Como é que você pode ser tão burro?”, disse Hat. “Como ele pode ter ido para a prisão se está aqui com a gente? Como é que vocês conseguem ser tão burros? Por que não deixam o homem falar?”

Mas Bogart ficou ofendido e se recusou a continuar falando.

Daí em diante o relacionamento entre aqueles homens mudou. Bogart virou o Bogart dos filmes. Hat virou Harrison. E a troca de palavras de manhã era a seguinte:

“Bogart!”

“Cale a boca, Hat!”

Agora Bogart se tornara o homem mais temido na rua. Diziam que até o Pé Grande tinha medo dele. Bogart bebia, falava palavrões e fazia apostas de jogo contra os melhores jogadores. Berrava comentários grosseiros para as garotas que passavam sozinhas pela rua. Comprou um chapéu e puxava a aba da frente para baixo, fazendo uma sombra cobrir os olhos. Virou presença constante, de pé, encostado no muro alto de concreto do seu pátio, com as mãos enfiadas nos bolsos, um pé apoiado no muro e um eterno cigarro enfiado na boca.

Então ele sumiu de novo. Estava jogando cartas com a turma em seu quarto quando se levantou e disse: “Vou ao banheiro”.

Não o viram mais durante quatro meses.

Quando voltou, estava um pouco mais gordo, mas também um pouco mais agressivo. O sotaque agora era americano puro. Para completar sua imitação, passou a mostrar-se expansivo com as crianças. Chamava-as na rua e lhes dava dinheiro para comprar chocolate e chiclete. Adorava afagar a cabeça das crianças e lhes dar bons conselhos.

Na terceira vez em que sumiu e voltou, deu uma grande festa em seu quarto para todas as crianças, ou para a garotada, como ele as chamava. Comprou caixas de Solo, de Coca-Cola e Pepsi e um bolo de mais ou menos quinze quilos.

Então o sargento Charles, o policial que morava mais acima, na Miguel Street número 45, veio e levou Bogart preso.

“Não tente resistir, Bogart”, disse o sargento Charles.

Mas Bogart não entendeu a deixa.

“O que está acontecendo, cara? Não fiz nada.”

O sargento Charles lhe disse.

Houve um pequeno rebuliço nos jornais. A acusação era de bigamia; mas coube a Hat descobrir todos os detalhes secretos que os jornais nunca mencionam.

“Vejam só”, disse Hat na calçada naquela noite, “o homem deixa sua primeira esposa em Tunapuna e vem para Port of Spain. Não conseguem ter filhos. Ele fica por aqui, sentindo-se triste e insignificante. Um dia vai embora, encontra uma garota em Caroni e tem um filho com ela. Em Caroni o pessoal não é de brincadeira com esse tipo de assunto e Bogart foi obrigado a casar com a garota.”

“Mas por que ele deixou a garota?”, perguntou Eddoes.

“Para ser um homem, entre nós, homens.”